

O CONSERTADOR E OS PROCESSOS DE INDUSTRIALIZAÇÃO

SILVA, Eduarda Borges da¹; GILL, Lorena Almeida²

¹Universidade Federal de Pelotas, Licenciatura Plena em História; ²Universidade Federal de Pelotas, Departamento de História. eduarda.historia.ufpel@gmail.com lorenaalmeidagill@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este resumo tem como proposta central analisar uma entrevista de um consertador de brinquedos, guarda-chuvas e eletrodomésticos, Sr. Roberto, refletindo acerca deste ofício no contexto da Revolução Industrial, além de divulgar o projeto de pesquisa no qual está inserido: “À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer”, bem como o local de guarda das narrativas, o Laboratório de História Oral (LAHO) da Universidade Federal de Pelotas (UFPe).

O projeto referido visa discutir o processo de extinção de determinados ofícios, outrora considerados imprescindíveis, preservando os relatos e as memórias desses trabalhadores e os seus fazeres, através do método de História Oral Temática. O labor dos artífices (SENNETT, 2009) nesta era industrial (ARRUDA, 1988) é, portanto, um tema pertinente no âmbito das Ciências Humanas, sobretudo na História Social.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Este trabalho foi confeccionado a partir de uma entrevista de História Oral Temática para o projeto já citado, realizada em Pelotas – Rio Grande do Sul, no ano de 2011. A História Oral Temática é um método que possibilita nortear o diálogo, de acordo com a proposta do projeto, durante a entrevista (MEIHY, 1998).

A realização das entrevistas conta primeiramente com a elaboração de um projeto de pesquisa. Sem uma pergunta norteadora não se faz História Oral, faz-se apenas entrevistas, posteriormente elabora-se um roteiro, que é flexível, e a partir da equipe do Laboratório e da indicação dos próprios narradores constrói-se uma teia de contatos que possibilita os próximos encontros.

Geralmente faz-se um primeiro contato com o narrador, explicitando as motivações para a realização desta pesquisa e como será desenvolvida a metodologia. Algumas vezes, devido à distância, esse contato inicial é realizado através de uma ligação telefônica.

A entrevista é, então, marcada e efetivada, momento em que é construída a narrativa. Após a transcrição, um membro da equipe retorna ao entrevistado levando o documento escrito e, com a concordância dele, é assinada uma carta de cessão de direitos de uso, na qual consta que seu relato será doado ao Laboratório de História Oral e utilizado para fins acadêmicos, pesquisas, artigos, exposições.

As leituras permeiam todo o processo e são de suma importância, pois são elas que permitem pensar sobre todo o trabalho e as análises que poderão ser feitas sobre as narrativas.

As entrevistas são salvaguardadas no LAHO, o qual realiza as atividades de higienização, guarda, organização, disponibilização para pesquisa, além de ser um espaço para os alunos realizarem práticas de disciplinas com o acervo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho no Laboratório de História Oral é constante, pois, além da confecção das entrevistas, o material dos projetos anteriores está em fase de organização, tendo em vista que este espaço foi fundado em 2010 e algumas narrativas datam de 1992. Somente no projeto dos ofícios em extinção já foram realizadas mais de 50 saídas de campo, resultando cada uma em, pelo menos, um áudio, uma transcrição, fotos e às vezes um vídeo, assim, compreende-se o volume documental, que embora a maior parte esteja no suporte digital, necessita também de organização (BELOTTO, 2006).

Refletindo acerca da entrevista, escolheu-se confrontar esta narrativa com a Revolução Industrial, pelo enfoque narrado, ou seja, o próprio entrevistado menciona fatores que remetem a esta transformação econômica e social, tais como: introdução de computadores, preocupação com o horário, falta de autonomia, progressos na área de microeletrônica, características, sobretudo, da Terceira Revolução Industrial (DEL PINO, 1994).

Seu Roberto conta que começou o seu ofício de consertador há mais de dez anos, pois trabalhava em um banco que sofreu profundas transformações advindas da ampla automatização, fazendo com que fosse demitido, assim como grande parte dos demais funcionários. O conserto surgiu como uma alternativa de renda e não como uma escolha profissional, entretanto, hoje ele se declara feliz na sua atuação, principalmente, por não precisar obedecer ao “relógio”. Essa é a realidade de muitos artesãos, que excluídos do mercado de trabalho, seja em função das máquinas, da automação, ou da pouca qualificação, começam a fazer trabalhos manuais para sobreviver.

Ele contenta-se com seu atual ofício por poder fazer seus horários e ritmos de trabalho, autonomia esta praticamente impossível nas jornadas pré-estabelecidas e nas produções em série - fortes características do trabalho industrial (ARRUDA, 1988).

Observando seu local de trabalho, constata-se que a maior parte dos objetos no aguardo para o conserto são os eletrodomésticos, fator que demonstra a sua tentativa de adequação a demanda tecnológica.

Aprendendo a consertar produtos recentemente lançados no mercado, como as TVs de plasma, seu Roberto trabalha também com materiais menores e mais frágeis, como os celulares e os controles remotos, frutos da microeletrônica. Sua oficina reflete, além do ato constante de reciclar a sua técnica de conserto, uma mostra de que a indústria nem sempre traz junto à quantidade dos produtos que fabrica, a qualidade.

Outro fator importante da sua entrevista é que muitas pessoas buscam seus serviços independentemente do objeto danificado ser de fácil compra, como os guarda-chuvas, e do valor que ele cobrará para consertar, como ele relata sobre o conserto de bonecas.

Descreve o quão minucioso e individual é o seu trabalho, chegando a esculpir rostinhos de bonecas de gesso. Seu Roberto ainda menciona que a maioria dos

seus clientes são aposentados e, que muitas das senhoras que lhe procuram querem consertar bonecas não para doá-las, mas sim, para guardá-las, como se através dos brinquedos guardassem memórias da infância (BOSI, 1994).

E, em contraponto relata que os jovens não querem consertar, mas sim descartar compulsivamente aquilo que possuem e nesse mesmo ritmo comprar outros objetos, sem produzir apego por nenhum deles. Esse consumismo e essa perecibilidade dos produtos vão ao encontro da mentalidade industrial.

4 CONCLUSÃO

Em suma, o projeto “À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer”, preocupa-se em ouvir (PORTELLI, 1997) e preservar histórias de trabalhadores que embora estejam beirando a extinção conseguem utilizar os meios que possuem, no caso de seu Roberto a criatividade, para não sucumbirem em um mundo industrial a cada dia mais competitivo e descartável.

Ademais, na fala de seu Roberto encontra-se um elemento que a maioria dos artífices menciona, a qualidade de seu trabalho artesanal (SENNETT, 2009), pois, essa qualidade do trabalho engloba, além do objeto produzido ou restaurado, a relação com o freguês, a qual nenhuma máquina pode realizar.

O consertador, embora tenha que ir renovando suas técnicas e ampliando a sua linha de consertos para não extinguir-se no mercado de trabalho, prioriza ainda a sua autonomia e a qualidade de seus reparos manuais, por saber que o objeto, além da sua parte material, possui outra dimensão, a simbólica, dotada de significado para os seus clientes, podendo inclusive ser um elo de rememoração para estes.

5 REFERÊNCIAS

- ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A Revolução Industrial**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BELOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- DEL PINO, Mauro. **A força de trabalho na Terceira Revolução Industrial: educação, trabalho e novas tecnologias**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 1994.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1998.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 15, p. 13 – 33, 1997.
- SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.